

Revolução e história: das Teses ao Manifesto

EDMUNDO FERNANDES DIAS

Campinas: Sundermann, 2011, 315p.

*Maria Cristina Cardoso Pereira**

No último século, o avanço do neoliberalismo e do pós-positivismo produziu não apenas miséria do ponto de vista econômico, mas reforçou um estigma tipicamente stalinista acerca da obra de Marx: “ultrapassada”. Tal estigma impregna muitas leituras que, em geral, partem de uma divisão mecânica da obra: de um lado, o “jovem” Marx – aquele com conceitos pouco precisos e, especialmente, “imaturo”, com toda carga de preconceitos evolucionistas que a expressão pode comportar. De outro, o “velho”, cuja reflexão foi solapada pela história e que pode ser lido da mesma forma como se admira uma roca em um museu. Pois esse inimigo a ser execrado e já declarado morto (juntamente com a história) continua muito vivo e, ao que indica a elevação das vendas de *O capital* na Alemanha, está sendo lido novamente. Seu nome também pode ser ouvido em manifestações de rua – como em *Ocuppy Wall Street*. *O capital*, entretanto, a despeito de sua evidente importância, está longe de expressar a riqueza da leitura marxista sobre a realidade e, notadamente, a clareza de sua concepção sobre as formas de dominação e as tendências da história da luta de classes.

Edmundo Dias, em seu livro *Revolução e história – das Teses ao Manifesto*, apresenta-nos uma leitura extremamente robusta e lúcida da importância das obras que vão das *Teses sobre Feuerbach* ao *Manifesto*. Na obra, Dias demonstra

* Pós-doutoranda em Sociologia Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Unicamp (IFCH-Unicamp).

sua capacidade de renovar debates que se julgavam ultrapassados e apresentá-los sob um ponto de vista contextualizado, com forte preocupação em remetê-los às condições em que foram produzidos e, principalmente, articulando-os com fatos de nossa história recente. Outro mérito do livro é apresentar Engels não como um “segundo violino”, mas como um interlocutor à altura de Marx, intelectual competente e efetivamente autor e coautor de diversos textos atribuídos exclusivamente a Marx. Além disso, não apenas o autor nos apresenta uma leitura dos textos de Marx e Engels que foram fundamentais para o *Manifesto* – rompendo com a ideia de que este último consiste apenas de um panfleto –, mas desafia toda uma bibliografia sobre o tema, sobre a qual pouco se tem ouvido falar: Gramsci, Paolo Rossi, Umberto Cerroni, Gian Mario Bravo, Raul Mordenti, Pierre Vilar, Michel Löwy, Auguste Cornu, Valentino Guerratana, Domenico Losurdo, são apenas alguns dos autores trazidos na discussão da obra marxista. Outro mérito do texto consiste no esforço em apresentar ao leitor – em especial o jovem leitor, que começa a ser familiarizado às obras de Marx – notas explicativas em que conceitos são contextualizados em relação aos seus significados e ao debate da época.

Em *Revolução e história – das Teses ao Manifesto*, Dias nos apresenta as *Teses sobre Feuerbach*, a *Ideologia alemã* e a *Miséria da Filosofia* (primeira parte da obra), o *Manifesto* (segunda parte) e *Leituras recentes sobre a obra de Marx* (terceira parte). Na quarta parte, em que está contida a conclusão, há abordagens acerca das leituras recentes dos temas tratados nos outros capítulos (como em Lefort e Aron, entre outros) e que possuem em comum equívocos sobre a obra de Marx. Os capítulos apresentam várias subdivisões que facilitam a leitura e expandem a análise da obra para aspectos importantes, como a questão das nacionalidades e o nacionalismo, a presença de uma teoria política e de uma teoria sobre o Estado, a questão do progresso e pauperização, entre outras.

A obra de Edmundo pretende ser uma reflexão sobre o *Manifesto*, porém é mais: trata-se de um estudo aprofundado sobre as condições políticas de seu tempo e o seu esforço teórico em pensar o capitalismo e a luta de classes e que resultaram em um texto injustamente denominado “panfletário” – o *Manifesto*. Edmundo Dias o apresenta não só como uma leitura do processo histórico, mas também um “projeto de transformação radical da sociedade, da constituição de uma nova sociabilidade, a certidão de nascimento do projeto de uma nova e radical historicidade que se expressa solidariamente em uma forma de pensar e praticar a política” (p.17). Obviamente o autor não afirma que todos os conceitos da obra de Marx já estavam definidos no período que vai das *Teses* ao *Manifesto*. Conceitos como classe, modo de produção, infra e superestrutura ainda não haviam sido desenvolvidos em 1848, ano da publicação do *Manifesto*. Porém, é neste período abordado no livro que os conceitos de ideologia (negada como “falsa consciência”), práxis, relação entre Estado e sociedade, a relação entre modo de produção (ainda que um conceito impreciso, associado à cooperação) e modo de vida (tese central acerca da concepção materialista de história) estão colocados.

A produção que vai das *Teses* ao *Manifesto* é apresentada como um processo em que o amadurecimento teórico se associa à organização do movimento. A passagem da teoria à práxis é o grande foco do livro, que apresenta o *Manifesto* como a vitória de uma leitura da realidade extremamente moderna e centrada na reflexão de Marx e Engels sobre o desenvolvimento do capitalismo e da luta de classes, o papel do Estado moderno e a articulação entre o momento de reflexão teórica e a intervenção na realidade. Edmundo Dias apresenta o *Manifesto* como uma caixa sonora, em que ressoam vigorosos acordes do esforço de reflexão sobre a teoria da emancipação humana (*Questão judaica*), a constituição do proletariado como classe em perspectiva de emancipação (*Anais franco-alemães*), a leitura econômica sobre o capitalismo (*Crítica da economia política*), a questão da alienação do trabalho (*Manuscritos*), a questão da práxis nas *Teses*, o acerto de contas com o pensamento hegeliano, a crítica do subjetivismo (*Crítica da Filosofia hegeliana do Direito* e *Manuscritos*), o diagnóstico do impasse teórico e a incapacidade da intelectualidade da época de compreender o real (*Teses e Ideologia alemã*).

Dias apresenta uma leitura de ruptura com os manuais e cartilhas e convida o leitor a um esforço de compreensão dos textos de Marx e Engels a partir de um olhar historiográfico. Quais as condições de produção das obras? Com quem ocorrem os diálogos? Como as polêmicas criadas com os antagonistas refletem-se nas limitações à publicação das obras de Marx em sua época? Como seus textos chegam ao público? O que precedeu e condicionou a produção de textos como as *Teses sobre Feuerbach* e o próprio *Manifesto* – e por que se popularizou a ideia de que este último seria uma peça panfletária? Como se operou a publicação e divulgação da obra de Marx? Qual o papel desempenhado pelos censores e revisionistas alemães (detentores dos direitos de publicação da obra de Marx) na ocultação ou adiamento da divulgação de textos e sua responsabilidade pelas leituras cindidas e equivocadas? Ao longo do percurso da obra, Edmundo Dias formula, ao lado da análise consistente e honesta dos conceitos marxistas no período analisado, um levantamento das dificuldades editoriais, da censura policial e dos entraves apresentados pelos próprios socialistas e que marcaram a divulgação e, conseqüentemente, a recepção das obras de Marx na Europa. Este trabalho coloca conceitos como práxis, revolução, alienação, o papel dos intelectuais, entre outros, em um patamar diverso dos enfoques tradicionais. O cotejamento das diversas traduções e a preferência pelos escritos produzidos diretamente ou traduzidos em língua francesa (idioma que Marx dominava) fazem que o trabalho de Edmundo Dias seja valorizado pelo cuidado em verificar se esses próprios conceitos não haviam sido traídos no processo de tradução.

Por fim, observamos que ainda que as notas de rodapé apareçam todas no final, o que torna a sua consulta bastante trabalhosa, sua leitura é fundamental. Há comentários do autor que enriquecem o trabalho, assim como reflexões sobre fatos recentes, porém que não caberiam dentro do corpo do texto – o que sugere que Edmundo Dias possui material para muitos outros livros.

Pereira, Maria Cristina Cardoso Pereira. Resenha de: DIAS; Edmundo Fernandes. *Revolução e história: das Teses ao Manifesto*. Campinas: Sundermann, 2011, 315p. *Crítica Marxista*, São Paulo, Ed. Unesp, n.35, 2012, p.195-197.

Palavras-chave: Revolução; Marx; Jovem Marx.